

# O local da diáspora africana na ciência global: circulação e assimetria pelos intermediários da cura no Brasil escravista do século XIX

The place of African diaspora in the global science: circulation and asymmetry by the intermediaries of healing in slave-holding Brazil in the 19th century

Jacques Ferreira Pinto\*

## Resumo

O artigo pretende estabelecer, por meio de uma discussão bibliográfica, conexões entre o aparato conceitual proposto pelo historiador da ciência Kapil Raj e três trajetórias históricas de agentes das artes de curar atuantes no Brasil durante o século XIX. Em primeiro lugar, apresentaremos os conceitos e debates propostos acerca da circulação da ciência e produção de conhecimento por Kapil Raj. Em segundo lugar, nos focaremos na análise do percurso de curandeiros inseridos na sociedade brasileira sob à luz dos conceitos debatidos. Em terceiro lugar, discutiremos críticas feitas às proposições de Kapil Raj para aprofundar o debate. Por fim, apontaremos formas de compreender o papel da diáspora africana nas Américas e do continente africano no que toca à produção de conhecimento e circulação da ciência.

Palavras-chave: Escravidão; saúde; circulação

## Abstract

The article intends to establish, through a bibliographic review, connections between the conceptual apparatus proposed by the historian of science Kapil Raj and three historical trajectories of agents of the healing arts in Brazil during the 19<sup>th</sup> century. Firstly, we will present the concepts and debates proposed about the circulation of science and knowledge production by Kapil Raj. Secondly, we will focus on the analysis of the path of healers inside Brazilian society under the light of the concepts discussed. Thirdly, we will discuss criticisms made to Kapil Raj's propositions to develop further the debate. Finally, we will highlight ways to understand the role of the African diaspora in the Americas and the African continent in terms of the production of knowledge and the circulation of science.

Keywords: Slavery; health, circulation

\* Doutorando em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e membro do Grupo de Pesquisa do CNPq "Escravidão, Raça e Saúde". Mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico pelo Colégio Pedro II e bacharel e licenciado em História pela UFRJ. E-mail: jacquesfp@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3877-3442>. E-mail: jacquesfp@gmail.com.

## Introdução

O presente texto objetiva estabelecer, por meio de uma discussão bibliográfica, conexões entre o aparato conceitual proposto pelo historiador da ciência Kapil Raj e três trajetórias históricas de agentes das artes de curar atuantes no Brasil durante o século XIX. São eles: Mestre Tito, Juca Rosa e Pai Manoel. Mais explicitamente, tomamos como direcionamento a seguinte indagação: como experiências históricas de sujeitos africanos e seus descendentes habilitados para cura podem ser vistas sob a luz dos conceitos de "intermediário" e "circulação" formulados por Kapil Raj?

Para responder à pergunta partimos de casos emblemáticos de agentes das artes de curar no Brasil oitocentista como as trajetórias do Mestre Tito em Campinas, do Juca Rosa na Corte imperial do Rio de Janeiro e do Pai Manoel no Recife. Os percursos desses três sujeitos versados no tratamento de doenças são objetos potentes de análise para a compreensão de processos ligados à produção de conhecimento no que concerne circulações e assimetrias.

Uma questão subjacente à proposta deste artigo diz respeito ao local que a África e sua Diáspora nas Américas ocupam na produção e circulação do conhecimento, nos termos de Kapil Raj. Estabelecer a relação entre trajetórias estudadas pela historiografia da confluência entre saúde e escravidão no Brasil e o aparato conceitual concernente aos circuitos global/local da atividade científica pode contribuir para uma compreensão mais ampla sobre o conhecimento. A partir disso, também podemos caminhar para uma melhor compreensão sobre as conexões entre África, Diáspora africana e Ciência.

É necessário mencionar que a Diáspora africana é entendida aqui como a migração forçada de africanos para as Américas ocorrida entre os séculos XVI e XIX. Mais de 10 milhões de pessoas foram retiradas do continente africano durante séculos de violência materializada nos percursos do tráfico atlântico como demonstram dados já consolidados e contabilizados<sup>1</sup>.

Desse contingente, mais de 5 milhões de pessoas de diversas partes do continente africano foram trazidas para o Brasil – processo que nos impacta até hoje em variados termos de população, cultura, desigualdades etc. A presença de africanos e seus descendentes oriundos de culturas diversas e detentores de variados conhecimentos, ainda que sob o jugo da escravidão, foi base para a formação do Brasil e outras nações nas Américas.

No que concerne a presença de africanos e seus descendentes nos territórios da América Latina e Caribe, podemos identificar agentes das artes de curar com trajetórias similares aos que analisaremos aqui. François Mackandal, líder revolucionário e mestre em ervas medicinais no Haiti (SANTOS, PINTO, 2021), *Queen Nanny* (GONZALES, 1988), líder política também conhecedora de plantas para cura na Jamaica colonial, Papa Liborio (DAVIS, 2004), na

---

<sup>1</sup> Dados do Banco de Dados do Tráfico Transatlântico de Escravos (*Trans-Atlantic Slave Trade Database*). Disponível em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates> Acesso: 06 jul. 2022.

República Dominicana foram dentre outros tantos personagens que usaram seus conhecimentos de cura para diferentes finalidades.

Tais trajetórias fascinantes merecem ser aprofundadas por pesquisadores, pois o papel destes sujeitos na formação e realização de práticas de cura a partir de seus saberes é fundamental para a compreensão da história do conhecimento na América Latina e Caribe. Por conta do escopo do trabalho, nos deteremos apenas nas trajetórias ocorridas no Brasil, em diferentes cidades, ao longo do século XIX, que podem sinalizar caminhos de investigação para outros casos exemplares do tema estudado.

A plataforma conceitual oriunda dos estudos de Kapil Raj em coadunação com a historiografia que se debruça sobre os agentes das artes de curar pode contribuir substancialmente para novas compreensões sobre a história da ciência de maneira global e local. Compreender os papéis, lugares e concepções de ciência de sujeitos negligenciados, mas, ao mesmo tempo potentes em suas práticas, pode abrir a área em novos sentidos.

Antes de adentrarmos nas análises, é necessário pontuar o contexto de produção deste artigo. O momento atual de continuidade da pandemia de Covid-19 no mundo ainda requer ações marcantes que promovam uma relação honesta entre ciência, política e produção de conhecimento. Embora o quadro epidemiológico tenha melhorado significativamente devido à vacinação e outras medidas sanitárias, ainda vivemos uma atmosfera negacionista em relação à Ciência e à própria História.

A urgência dessas ações está diretamente relacionada ao fato de ainda estarmos produzindo reflexões a respeito de uma das piores crises sanitárias e sociais do mundo nos últimos tempos. O artigo aqui apresentado possui também sua pertinência social, visto que diferentes sujeitos ainda atuam constantemente no combate aos danos causados pela pandemia que teve estágios dramáticos e agravados pelo descaso sistemático do governo federal e a maior vulnerabilidade de determinadas populações.

Nos primeiros meses de pandemia, mais exatamente em 10 de abril de 2020, o Ministério da Saúde no Brasil chegaria a divulgar que “a Covid-19 tem sido mais letal entre negros do que entre brancos” (KODAMA, PIMENTA, 2020). Hoje ainda vivemos as sequelas, ao passo que caminhamos nas novas formas de conviver com o vírus, formulando entendimentos a respeito dos períodos mais dramáticos da pandemia nos últimos dois anos<sup>2</sup>.

Sendo assim, as experiências do passado, para além de compreendidas nos seus próprios termos, podem nos indicar pistas a respeito de como populações historicamente marginalizadas protagonizam, respondem e manejam elementos científicos para seus objetivos e interesses. A ideia de circulação, enquanto conceito para análises históricas sobre a história da ciência, pode sugerir caminhos de reflexões que superem tanto interpretações equivocadas sobre populações negligenciadas quanto posturas negacionistas sobre o conhecimento.

---

<sup>2</sup> Atualmente, a pandemia de Covid-19 no Brasil acumula 673.073 mortos e 32.759.730 casos. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso: 07 jul. 2022.

### “Circulação” e “intermediários” por Kapil Raj

Dos estudos de Kapil Raj, mobilizaremos a ideia geral de pensar o mundo “sem a Revolução Científica”, o papel dos intermediários na ciência e o conceito de circulação para compreender os encontros entre mundos distintos que resultam em produção de conhecimento. Duas críticas à leitura de Raj feitas por Warwick Anderson e Fa-ti Fan também serão trazidas à cena para refletirmos sobre o papel das assimetrias na leitura de mundo baseada na circulação.

Destacamos que uma das principais tarefas dos historiadores da ciência é historicizar a atividade científica, inclusive nos marcos temporais e espaciais que definem a própria ideia de “ciência moderna”. Kapil Raj propõe assim pensar a história da ciência “sem a Revolução Científica” na medida em que a questiona como marco de “inauguração” da atividade científica e, ao fazê-lo, reivindica que ela seja considerada enquanto prática diversa em temporalidades, espacialidades e, principalmente, personagens históricos. Diz Raj:

*Rather, it is an attempt to lay out the concepts underlying the notion in order to explore the possibility of another history of science, one that brings the rest of the world into the folds of the discipline, where the Rest is not just treated as an object of study, rather as a knowing subject in its own right. (RAJ, 2017, p. 448)*

Uma outra história da ciência que trate o “resto do mundo”, ou seja, locais que estão fora da Europa ocidental, enquanto tema e sujeito podem mudar a chave de interpretação ao ponto de revermos a categoria de “ciência moderna”. Ao contrário da “ciência moderna” universal, Raj aponta para uma interpretação sobre a atividade científica por meio das conexões, cruzamentos e relações. O conhecimento se daria por meio do encontro.

A “Revolução Científica”, argumenta Kapil Raj, pode ser vista enquanto uma ideia construída largamente relacionada à geopolítica da Guerra Fria, que pautava o “resto do mundo” para além da Europa e EUA como espaços ainda em desenvolvimento, ou seja, atrasados. Por meio desse prisma, a “Revolução Científica” era uma concepção que restringira a atividade científica a determinadas partes da Europa ocidental em detrimento do “resto”, que seria posto numa ampla “periferia”, abrangendo inclusive outras partes do continente europeu.

Propostas que discutiam a produção de ciência em espaços fora da Europa num movimento de reflexão global surgiram na historiografia das ciências na segunda metade do século XX, como as estabelecidas por Joseph Needham (1900 – 1995) e George Basalla. Needham (1967) esteve preocupado com a chamada “Grande Questão” sobre o porquê de a ciência moderna não ter surgido na China, que já contava com avanços técnicos e científicos no início da era moderna europeia. Já Basalla (1967) propôs um modelo em estágios de difusão da ciência que sairia da Europa ocidental para o restante do mundo, entendido como África, Ásia, Américas e o Leste europeu – tal modelo ficaria conhecido como “difusionista”.

Os dois estudos tiveram o mérito de promover uma reflexão sobre a ciência em escala global, mas seriam duramente criticados por conformarem um suposto espaço excepcional do surgimento da ciência estrito à Europa ocidental. Numa dupla crítica ao eurocentrismo nos estudos sociais da ciência e à perspectiva de denúncia dos estudos pós-coloniais, Raj afirma que a ciência moderna tem surgimento a partir dos processos de circulação marcados por idas e vindas de ideias, objetos e pessoas entre variadas partes do mundo.

Ao analisar o surgimento da cartografia enquanto atividade científica moderna, Kapil Raj estudou formas e métodos de levantamento topográfico especialmente na Índia entre os séculos XVII e XIX. Raj examinou diversas práticas cartográficas com destaque para as indianas pré-coloniais presentes de forma ampla no sul da Ásia e aquelas produzidas na região já sob o regime colonial britânico.

Raj (2007, p. 60) afirma que é comumente disseminado que a cartografia moderna e as atividades de pesquisa topográfica são invenções puramente ocidentais. Dessa forma, a atividade cartográfica teria sido espalhada pelo resto mundo por meio da expansão colonial europeia. Contudo, a partir de fontes históricas e uma análise que sobretudo privilegia os processos de circulação, podemos compreender o surgimento das atividades mencionadas e da ciência moderna de forma geral de maneira distinta do que é geralmente difundido.

O historiador indiano conseguiu identificar que diferentes cartografias já existiam no subcontinente da Índia antes da colonização britânica. Povos indianos em sua diversidade de práticas e conceitos circulavam intensamente no Oceano Índico – espaço exemplar de trocas e rotas afro-asiáticas. Tais populações produziam levantamentos de dados e mapas com diferentes finalidades e formas não necessariamente unificadas em semelhança ao que se fazia na Europa ocidental na mesma época.

No decurso do processo de colonização cuja participação da Companhia das Índias Ocidentais seria fundamental, geógrafos britânicos entrariam em contato com a produção local de mapas. Na perspectiva da circulação, os profissionais ingleses produziram sua cartografia em meio a um processo de trocas, negociação e acomodação entre perspectivas, objetos e sujeitos diversos como interpretes, atravessadores, guias, entre outros.

A partir de tais ideias, Kapil Raj afirma que a cartografia, a topografia e a ciência moderna, tomando como caso exemplar as relações coloniais entre Índia e Grã-Bretanha, surgiram a partir dos processos de circulação existentes no encontro colonial. Diz Raj:

*However, despite the asymmetrical relationship between colonizers and colonized, the instruments, procedures, specific human gestures, skills, knowledge (both explicit and tacit), social practices, learning processes, and so on — in short, all that constitutes scientific activity— had to be locally negotiated. The result was necessarily a hybrid culture, similar to the one that emerged in Britain and — might one add? — everywhere else in the world: this is just what characterizes the practice of science. (RAJ, 2007, p. 94)*

A atividade científica seria uma cultura híbrida constituída por diferentes sujeitos cujas experiências estariam distantes dos modelos teóricos de “difusionismo”. A ideia de circulação seria margem para o entendimento concreto da formulação e prática da ciência moderna ao mesmo tempo que sugere a constituição de ideias como nação, impérios e identidades nacionais por meio de processos de troca ainda que em relações assimétricas.

Tal perspectiva abre um horizonte epistemológico e historiográfico relevante no que diz respeito aos agentes dos processos de circulação, especialmente os chamados intermediários que passam a assumir centralidade nas análises. A agência desses sujeitos que geralmente estão ligados a processos de tradução cultural, mediação entre mundos distintos, entre outras ações, é fundamental para compreendê-los como relevantes atores sociais no ato dramático da ciência dita universal. Os intermediários são aqueles que abrem espaço para o diálogo, mas ao mesmo tempo revelam tensões intrínsecas e abismos sociais entre diferentes sujeitos em diversos espaços (METCALF, 2019; RAJ, 2016).

Nos casos estudados por Kapil Raj, os intermediários exemplares são aqueles sujeitos em ocupações de marinheiros, construtores de navios, atravessadores, mulheres que porventura acompanhavam e se casavam com europeus, entre outros. Tais sujeitos se localizam numa zona intermediária entre a colônia e o império fazendo circular objetos, ideias e concepções entre mundos distintos que passam a se conectar produzindo assim a atividade científica.

O esforço aqui implementado é compreender sujeitos oriundos da África e descendentes de africanos versados nas artes de curar no Brasil escravista enquanto intermediários. A natureza dessa intermediação pode ser diferente daquela explicitada no caso britânico na Índia, mas guarda semelhanças no que diz respeito a produção de conhecimento por meio da circulação entre espaços assimétricos de poder.

### **Mestre Tito, Pai Manoel e Juca Rosa: trajetórias entre mundos distintos**

O outro lado da proposta aqui apresentada se conforma em três estudos sobre a trajetória de agentes das artes de curar (PODCAST, 2017; QUEIROZ, 2017) que atuaram sob a escravidão no Brasil durante o século XIX. São eles: Pai Manoel, estudado por Rosilene Gomes Farias (2012), Mestre Tito, pesquisado pela historiadora Regina Célia Lima Xavier (2008), e a figura de Juca Rosa, investigado por Gabriela dos Reis Sampaio (2003). Dessa forma, contextualizaremos de forma geral a trajetória dos três personagens destacando aspectos que permitam estabelecer conexões com as ideias formuladas por Kapil Raj em diálogo com seus interlocutores.

O artigo de Farias relata a história de Pai Manoel, curandeiro que afirmava ter o remédio para a cólera no Recife, em 1856. A historiadora destaca a complexa construção da medicina no Brasil, sobretudo em Pernambuco, que teve que lidar com formas de cura concorrentes e populares.

A obra de Regina Xavier conta a história de Tito de Camargo Andrade, que veio da África Central para o Brasil. Após conquistar sua alforria em 1865, Mestre Tito passou o resto da vida no seu ofício de curandeiro e como membro da irmandade de São Benedito, que abrigava escravizados, libertos e negros livres.

Já o trabalho de Gabriela Sampaio se debruça sobre a história do feiticeiro Juca Rosa, observando a relação entre cura e crença no Rio de Janeiro nas décadas finais da escravidão. Juca Rosa se tornaria figura emblemática por atender pessoas de diferentes classes e ser preso por acusações de estelionato tendo seu processo judicial veiculado amplamente na imprensa.

As investigações das três historiadoras sobre esses homens negros entre escravizados e libertos revelam processos singulares e trajetórias diferentes de cura, saúde e produção de conhecimento. Contudo, um ponto comum entre os casos diz respeito ao protagonismo dos sujeitos no manejo de conhecimentos diversos para cura, estabelecimento de sociabilidades e assistência a diversos setores da população, usualmente negros e mais pobres.

Das análises feitas, podemos destacar que Mestre Tito, Juca Rosa e Pai Manoel foram três sujeitos escravizados com histórias distintas, mas com o ponto semelhante de que em determinado período de suas vidas, os três atuaram na sociedade escravista que os circunscrevia como intermediários, no sentido que Raj confere ao termo. Todavia, o papel de intermediário desses sujeitos, enquanto elos de conexão entre mundos distintos, era de uma natureza peculiar: eles conectavam o mundo natural e o mundo sobrenatural.

Uma pergunta que surge, então, é: que implicações esse singular papel de intermediário teve para esses sujeitos na sociedade que os circunscrevia por meio da escravidão? E podemos perguntar também: que tipo de implicações históricas e sociais surgiram em termos de circulação e produção de conhecimento para esses sujeitos a partir dos referenciais da história e historiografia da ciência que estamos lidando?

Tito de Camargo Andrade, conhecido como Mestre Tito, foi um homem negro liberto que viveu em Campinas, no estado de São Paulo durante o século XIX. Vindo da África para uma fazenda em Campinas, Mestre Tito teve sua infância e adolescência atravessadas pelo tráfico atlântico e escravidão rural. Enquanto liberto, se dedicou ao ofício de curandeiro atrelado à sua devoção católica concretamente vivenciada pelo projeto de vida de construção da Igreja de São Benedito na referida cidade.

Num contexto de epidemias, o conhecimento de cura operado por Mestre Tito por meio de aplicação de sanguessugas e ventosas, manejo de plantas medicinais, produção de remédios e procedimentos cirúrgicos foi muito requisitado pela população sem muitas distinções sociais entre sua clientela. A figura de Mestre Tito enquanto curandeiro e devoto de São Benedito, santo reconhecido como intermediário no plano espiritual por africanos centro-ocidentais, demonstra um aspecto importante.

As concepções sobre doenças compartilhadas pela população mais ampla atendida por Mestre Tito se estabeleciam a partir da convivência de modo inseparável entre ciência e religião.

Essa percepção religiosa envolvendo as doenças não estava restrita à manipulação dos medicamentos nem conotava apenas uma cultura católica europeia. Mesclava-se, com certeza, a percepções africanas e ao conhecimento de métodos curativos trazidos da África pelos escravos. (XAVIER, 2009, p. 183)

A medicina acadêmica em parceria com o Estado Imperial implementou grandes esforços no sentido de se estabelecer como a única detentora do conhecimento e poder relativo à saúde no Brasil durante o século XIX. Médicos se organizaram em torno de sociedades, periódicos e espaços políticos no intuito de se fortalecerem enquanto classe profissional com papel relevante para a sociedade à época (EDLER, 1996; FERREIRA, 1999)

Apesar de tamanho esforço conjunto, disputas entre os próprios médicos também marcaram o período, inclusive no que diz respeito à posição e ao olhar desses sujeitos com diploma sobre os curandeiros, como no caso de Mestre Tito. “Se um médico como Dr. Daunt respeitava e reconhecia a competência e a eficiência dos tratamentos de curandeiros como Tito de Camargo, o que dizer então sobre a preferência dos pacientes em relação a eles? (XAVIER, 2009, p. 169)”

A concepção múltipla de origem das doenças pela população em combinação com o trânsito de Mestre Tito entre os mais pobres e médicos diplomados reforçam a possibilidade de enxergar tal sujeito enquanto intermediário. Mestre Tito possivelmente não se enquadra enquanto um intermediário no sentido usual de tradutores, intérpretes, guias, entre outros sujeitos como aqueles fundamentais nos processos de colonização (METCALF, 2019) e catalogação de espécies (SANTOS, 2008). Porém, é perceptível o trânsito de Tito entre mundos distintos por meio de formulações e práticas de cura com base científica que reforçam a presença de processos de circulação.

Os intermediários na era moderna podem ser vistos em determinadas posições, mas podemos observá-los em outras temporalidades tomando ideias básicas para a identificação da prática de mediação. “*They also show that the itinerant subjects involved are not just passers-by or simple agents of cross-cultural diffusion; rather, they actively articulate relationships between disparate worlds or cultures by being able to translate between them*” (RAJ, 2016, p. 44).

Pai Manoel no Recife Imperial também pode ter sua agência pensada por meio das ideias de Kapil Raj, principalmente pelo conceito de circulação, visto que tanto seu próprio corpo escravizado quanto o seu “remédio milagroso” para a cólera que assolava epidemicamente a cidade transitaram por diversos canais. “O curandeiro africano era escravo do engenho Guararapes, e, durante a epidemia de cólera que atingiu o lugar, muitos recifenses acreditaram em sua suposta capacidade de curar aquele mal” (FARIAS, 2012, p. 216).

Tamanho seria o vulto de Pai Manoel, em meio a um contexto da medicina e do Estado pouco efetivos quanto à epidemia, que seria requisitado por famílias abastadas, chegando ao ponto de atuar no Hospital da Marinha com autorização da Junta de Higiene da Corte imperial. Num processo de reviravoltas históricas, sob apelo popular, Pai Manoel passaria a tratar de



doentes junto a médicos acadêmicos no hospital. Porém, tal fato incomodaria profundamente a Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro, levando o curandeiro à prisão.

Um outro dado relevante é que a receita do “remédio milagroso” chegaria a ser divulgada na imprensa, como constatado pela publicação no *Diário de Pernambuco*, em 26 de fevereiro de 1856. Tal fato indica como o medicamento e a própria pessoa do curandeiro circularam entre diversos espaços. A dinâmica histórica em torno de Pai Manoel se conecta à perspectiva de circulação para a compreensão da produção da ciência e conhecimento em geral. Diz Raj sobre o conceito de circulação:

[...] focarei no movimento (de longo ou de curto alcance) de habilidades, práticas, materiais e ideias científicas e seu encontro com as habilidades, práticas, materiais e ideias de outras comunidades especializadas na história natural, medicina, cartografia, linguística, etnologia e assim por diante – campos que realmente contavam como ciência convencional até meados do século XIX. Argumentarei que as interações resultantes são elas mesmas um local de construção e reconfiguração do conhecimento. (RAJ, 2015, p. 170)

Rosilene Farias estabelece hipóteses sobre o interesse dos médicos pelos procedimentos e remédios produzidos por curandeiros, caminhando assim em sentido semelhante ao proposto por Kapil Raj. Segundo a autora, toda história de Pai Manoel com o peculiar episódio de sua atuação num hospital “sinaliza para a fragilidade dos conhecimentos médicos sobre a doença e a possibilidade de circulação de saberes entre o curandeiro e os médicos, que buscavam outras práticas capazes de os ajudar no tratamento de seus pacientes” (FARIAS, 2012, p. 228).

Agora podemos trazer à cena o último personagem aqui abordado, Juca Rosa, também conhecido por José Sebastião da Rosa, curandeiro e mestre dos feitiços que ficou famoso na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1870, por meio da imprensa da Corte imperial.

Nascido no Rio em 1833, filho de mãe africana, Rosa liderava uma misteriosa seita havia alguns anos, contando com diversos adeptos. Além de muitos negros, trabalhadores e pessoas pobres, entre seus seguidores havia também políticos, ricos comerciantes, membros das classes dominantes brancas e letradas, que se deslocavam até sua casa em busca de seus conselhos e prodigiosas curas, participando de rituais de magia. (SAMPAIO, 2003, p. 388)

Juca Rosa ficaria extremamente conhecido a partir de sua prisão e processo criminal, que foi veiculado pela imprensa cujas reportagens expunham a busca de diversos sujeitos por atendimentos que envolviam fortuna, amor, proteção, contrafeitiços etc. Rosa também tomaria notoriedade pelo seu envolvimento com mulheres, muitas delas brancas, e sua prática concomitante de cura, receita de remédios, entre outros procedimentos. Tudo isso numa sociedade carioca que mesclava crença e cura numa perspectiva similar a Campinas, onde ciência e religião eram inseparáveis para grande parte da população que conectava elementos

européus católicos, culturas de povos da África Centro-ocidental e tradições indígenas na explicação de doenças.

Duas ideias importantes sobre o tema estudado aqui são a circulação dos agentes das artes de curar e as concepções sobre cura e doenças ligadas à magia, espiritualidade e questões físicas do corpo, que remontam a tradições diversas, como pode ser visto no caso estudado. Sampaio, retomando um depoimento de Juca Rosa contido nas fontes, observa:

Assim, o pai reconhece que realizava atividades de cura, ainda que “não fosse deus”; mostra que parte da sua clientela vinha em busca de respostas para males físicos, como dores e ossos quebrados. A forma como tratava as moléstias, como vimos, unia procedimentos rituais, manipulação de forças sobrenaturais e também remédios feitos de ervas e líquidos, devidamente preparados com a transferência da força, ou do axé, como diriam os pais-de-santo de hoje, juntamente com rezas e acendimento de velas para a “Senhora Santa Ana” e o “Senhor do Bonfim”, santos que [Juca Rosa] declarou cultuar junto com suas associadas. (SAMPAIO, 2003, p. 410)

As atividades de Juca Rosa seriam interrompidas por uma denúncia anônima que o levou à prisão por estelionato e abuso sexual de mulheres casadas, dando início a um processo judicial que chegou até a ter um recurso por parte do advogado de defesa ao imperador D. Pedro II. Nesse ponto, especialmente de sua prisão e a divulgação constante por meio de uma satirização de seu caso nos jornais, levantamos uma questão que também perpassa os outros casos apresentados: as assimetrias no âmbito dos processos de circulação.

É claro que nem tudo circula, e o termo poderia sugerir uma visão cegamente otimista de livros, ideias, práticas, pessoas e material fluindo suavemente entre diferentes culturas, comunidades e espaços geográficos. Como o exemplo da enciclopédia torna muito claro, certas condições devem ser cumpridas para que eles circulem. Estas condições poderiam depender da troca de favores, clientelismo, amizade, obrigação, ou apenas o intercâmbio econômico, para citar apenas algumas possibilidades. Além disso, nem todo mundo quer que tudo circule livremente [...] (RAJ, 2015, p.172)

Kapil Raj, em sua análise sobre a circulação na ciência, alerta que as assimetrias estão presentes nesses processos de construção e reconfiguração do conhecimento. Nem tudo circula e nem todo mundo está interessado em que as coisas circulem. O caso de Juca Rosa, num contexto de final da escravidão, sinaliza para o temor da sociedade branca e letrada em relação a figuras como essas, que ganhavam notabilidade enquanto intermediários entre o mundo natural e sobrenatural.

Em situação paralela, Mestre Tito também sofreu críticas por inúmeros médicos, mas não chegaria a ser preso. Devido ao contexto sanitário de Campinas assolada por uma epidemia de febre amarela na década de 1870, o curandeiro seria muito procurado por uma ampla

clientela. Para além disso, sendo um homem liberto devoto de São Benedito, Mestre Tito também possuía sua rede de sociabilidade entre escravizados e pessoas livres.

Diferente de Tito, mas similar a Juca Rosa, curandeiro recifense Pai Manoel seria preso por conta do grande incômodo e pressão da Academia Imperial de Medicina sob autoridades políticas e médicas de Pernambuco. Em sua luta para a conquista de seu *status* enquanto única detentora do conhecimento sobre saúde numa sociedade construída pela violência da escravidão, a classe médica instituída na Academia Imperial não aceitaria curandeiros e outros concorrentes populares nas artes de curar.

### **Limites e possibilidades: críticas a Kapil Raj**

Nos estudos de Raj o aspecto da assimetria surge como importante elemento para a compreensão de processos de circulação da ciência e consequente produção de conhecimento. Para tal, o historiador indiano faria uma dupla crítica tanto aos Estudos Sociais da Ciência quanto aos Estudos Pós-Coloniais.

Por um lado, como já mencionado, a perspectiva eurocêntrica de Needham e Basalla sobre a excepcionalidade da Europa ocidental na ciência moderna seria duramente criticada. Por outro lado, os Estudos Pós-Coloniais, argumenta Raj (2015, p. 158), ainda que denunciem o colonialismo se manteriam eurocêntricos e “difusionistas” negligenciando a perspectiva da circulação e produção de conhecimento entre povos não-europeus.

É sobre o ponto das assimetrias em conexão aos Estudos Pós-Coloniais que se centram algumas críticas feitas às proposições de Kapil Raj, como veremos agora. Tais críticas podem sofisticar o debate e complexificar nossa compreensão sobre o local de África e da Diáspora na ciência e produção global de conhecimento.

Warwick Anderson, historiador australiano, e Fa-ti Fan, pesquisador de origem chinesa, ambos estudiosos da história da ciência, observam com mais atenção as assimetrias nos processos históricos de circulação, com reflexões inclusive sobre a sociedade em rede como a que vivemos hoje. Os estudiosos retomam os Estudos Pós-Coloniais numa renovada visão que ressalta as genealogias que circunscrevem a história da saúde e das ciências de forma global.

Anderson, no artigo *Second opinion. Making global Health History: the postcolonial worldliness of biomedicine*, está interessado na construção de uma História da Saúde Global com foco na formação histórica da biomedicina em regiões do Pacífico como Nova Guiné, Filipinas e a cidade de Singapura entre o final do século XIX e início do XXI. Já Fa-ti Fan, no artigo *Science in cultural borderlands: methodological reflections on the study of science, European imperialism, and cultural encounter*, tem seus estudos focados na relação entre ciência e imperialismo europeu tomando como caso a produção de ciência do Império Britânico a partir da China entre o início da era moderna e o século XX.

Os estudos de Anderson e Fan são diversos em temáticas, ideias e metodologias, mas compartilham uma visão crítica sobre os processos de “globalização” das ciências em redes

ainda herdeiras de relações vigorosamente assimétricas, em contraponto às análises que tenderiam a apagar tais desequilíbrios. Diz Anderson em relação a Kapil Raj:

*[...] these colonial histories do at least broaden the scope of the history of science and medicine. They provide a critical genealogy for global health and global biomedicine. Today, however, many Europe-based scholars have become uncomfortable when mentioning anything colonial. Kapil Raj, for example, expresses his distaste for “the dominant vision of colonial science as a hegemonic European enterprise whose universalization can be conceived of in purely diffusionist terms. (ANDERSON, 2014, p.376)*

A partir de tal crítica, Anderson (2014, p. 377-378) afirma que a recusa em examinar as formas coloniais existentes nos processos de circulação levariam estudiosos a compreender o fluxo de pessoas, objetos e ideias de maneira fluída praticamente sem conflitos. Dessa forma, seria necessário retomar a crítica pós-colonial nos estudos da ciência para assim compreender as circunstâncias e a historicidade da circulação evitando uma ideia de globalização e universalismo.

*“This is not to assert that nothing changes, that the colonial is a static arrangement of our lives, but rather it directs attention to the heterogeneous dynamics of colonial contact zones in order to comprehend social patterns, including contemporary ones (ANDERSON, 2014, p. 388)”*. Para Anderson, a circulação existe, porém é necessário examiná-la atento aos processos coloniais que formam e estruturam o movimento de pessoas, objetos e ideias na produção de ciência.

Fa-ti Fan (2007), à semelhança de Anderson, aponta que a formação da ciência por meio do encontro cultural entre o Império britânico e a China da dinastia Qing esteve estritamente tensionada entre “fronteiras culturais” e “imperialismo científico”. Fan evidencia mudanças históricas nas relações entre cientistas britânicos e chineses no que diz respeito ao conhecimento de botânica em que o “trabalho de campo” foi fundamental. O historiador ressalta o papel de desenhistas chineses das gravuras de plantas que desaparecem nas fontes documentais apesar de terem sido ponto nodal numa rede mais ampla de produção de ciência.

Nesse sentido, Fan, citando o historiador indiano Ranajit Guha, enxerga um “domínio sem hegemonia” ao observar as “fronteiras culturais” e o “imperialismo científico” praticado na China pelos britânicos no século XIX, alertando para o “problema da assimetria”. *“When we study science in cultural encounter, especially regarding the field sciences, we often face the problem of asymmetry or imbalance in historical documentation, scientific exchange, and power relations [...] (FAN, 2007, p.225)”*

Ainda segundo Fan, se observarmos a ciência como prática cultural, conferindo mais atenção aos participantes negligenciados, conseguiremos enxergar a estrutura e o processo de produção de conhecimento de uma maneira mais acurada. No caso da China da dinastia Qing, Fan concluiu que o imperialismo britânico estava intrinsecamente envolvido com o

desenvolvimento científico impactando a trajetória de naturalistas chineses e o posterior acesso aos vestígios dessas experiências por historiadores.

As críticas de Anderson e Fan à perspectiva de circulação presente nos estudos de Kapil Raj reforçam a necessidade de examinar os conflitos e desigualdades na produção de ciência entre atores historicamente assimétricos. O problema da assimetria está na produção e acesso à documentação, trocas científicas e relações de poder, “*a frequent problem in dealing with the encounter between Western and non-Western societies*” (FAN, p. 225, 2007).

As perspectivas mencionadas indicam caminhos no sentido de ampliação do campo de visão sobre a produção de ciência inclusive para espaços pouco citados nesses estudos, como a África e a Diáspora africana nas Américas. Apesar de não estarmos estudando um encontro colonial em meio ao imperialismo europeu na Ásia, conseguimos afirmar que a assimetria esteve presente na produção de ciência para cura por meio da circulação de diferentes atores como curandeiros, médicos e outros terapeutas no Brasil escravista do século XIX.

Os intermediários da cura que analisamos aqui, por meio da discussão bibliográfica exemplificada acima, foram sujeitos que tomaram vulto em determinados contextos em que a relação intrínseca entre sobrenatural e natural justificava procura por certos tratamentos e curas. Em situações epidêmicas recorrentes em diferentes cidades do Brasil no século XIX, tais sujeitos seriam ainda mais acessados e conseguiriam circular enquanto terapeutas em até certa medida reconhecidos em espaços diversos incluindo hospitais como no caso de Pai Manoel.

Porém, como exemplificado pelas ideias de Anderson e Fan, as assimetrias coloniais, em nosso caso escravistas, sempre estiveram presentes, pois são elas que estruturaram as sociedades, em que tais encontros de produção de conhecimento ocorreram. A circulação dos curandeiros, seus objetos, tratamentos, ideias e concepções de saúde e doenças circulariam na sociedade, mas com limites concretos, como nas decisões judiciais para prisão, e simbólicos.

### **Considerações finais**

Encaminhando-nos para as considerações finais, retomamos a questão de fundo desse trabalho a respeito do local da África e da Diáspora africana na produção e circulação da ciência, uma pergunta que traz as genealogias do poder à vista. Apesar de escassas referências sobre a relação entre África e Ciência, de maneira mais explícita, na bibliografia consultada para esse artigo, as ideias aqui mobilizadas sinalizam para indícios de que essa relação foi estabelecida historicamente. É possível identificar experiências científicas diversas não apenas no contato com os impérios coloniais, mas, na África contemporânea por diferentes cientistas e circuitos.

No que tange à Diáspora africana no Brasil, nosso principal foco, as experiências estudadas dos agentes das artes de curar como Mestre Tito, Juca Rosa e Pai Manoel indicam a circulação de saberes, conhecimentos diversos e práticas científicas enquanto atos sociais e culturais. Porém, tal fato amedrontava parte significativa da população branca e letrada, com destaque para os médicos organizados, interrompendo os processos de circulação desses

sujeitos. A interrupção da circulação se daria por críticas ou até mesmo prisão e sinalizando as fortes assimetrias estabelecidas pela sociedade brasileira escravista – mesmo que em certos espaços existissem brechas para tais movimentações.

A análise realizada até aqui evidencia conexões entre a historiografia das ciências e a que aborda as relações entre saúde e escravidão. Os casos elencados podem conferir à categoria de intermediário mais do que um viés descritivo, imprimindo-lhe um maior poder analítico, como Raj defende. O exame da diáspora africana mediante o aparato conceitual mobilizado favorece uma nova compreensão mais complexificada sobre o mundo atlântico numa perspectiva global. Investigar as trajetórias históricas dos agentes negros versados nas artes de curar por meio das ferramentas trazidas aqui pode contribuir para a superação de enquadramentos eurocêntricos na história da ciência, considerando processos de circulação e assimetrias.

Ainda no que tange à contemporaneidade da pandemia de Covid-19 no Brasil, a proposta aqui apresentada também abre possibilidades de reflexão sobre como populações vulneráveis ainda são afetadas e agem em relação às consequências da crise sanitária, ponto fundamental para uma produção historiográfica consciente das questões do tempo presente. Campanhas em favelas brasileiras sobre a Covid-19, sistemas de entrega de cestas básicas, circulação financeira a partir de rendas emergenciais foram práticas diretamente ligadas à produção científica sobre o novo coronavírus e a Covid-19 durante toda pandemia.

Por fim, cabe ressaltar que as trajetórias históricas de homens e mulheres agentes das artes de curar no Brasil escravista no século XIX e na América Latina de modo geral, enquanto experiências históricas na diáspora africana analisadas pela ideia de circulação, abre novas perspectivas de temáticas, análises, metodologias que devem incluir o continente africano de maneira mais efetiva. Todo esse esforço, sem dúvida, pode também se relacionar com questões urgentes atuais ligadas à produção de ciência e seus atravessamentos, como por exemplo, questões sociais e raciais tão latentes em sociedades como a brasileira contemporânea.

### Referências bibliográficas

ANDERSON, Warwick. Second opinion. making global health History: the postcolonial worldliness of biomedicine, **Social History of Medicine**, v. 27, n. 2, p.372–384. 2014.

BASALLA, George. The spread of western science: a three-stage model describes the introduction of modern science into any non-European nation. **Science**, v. 156, n. 3775, p. 611-622, 1967.

DAVIS, Martha Allen. **La Ruta Hacia Liborio: mesianismo en el Sur Profundo dominicano**. UNESCO, 2004.

EDLER, Flávio C. O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado. **História, Ciências, Saúde. Manguinhos**, v.3, n.2, 1996.

FAN, Fa-ti. Science in cultural borderlands: methodological reflections on the study of science, European imperialism, and cultural encounter. **East Asian Science, Technology and Society: An International Journal**, v. 1, n. 2, p. 213-231, 2007.

FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v.19, supl.1, p.215-231. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19s1/12.pdf> Acesso: 30 abr. 2022.

FERREIRA, Luiz Otávio. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843). **História, Ciência e Saúde. Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, 1999.

GONZALEZ, Lélia. "Nanny". **Humanidades**, Brasília, v. 17, ano IV, p. 23-25, 1988.

KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tânia Salgado. **Condições de vida e vulnerabilidades nas epidemias: do cólera no século 19 a Covid-19**. Disponível em: [http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1794-condicoes-de-vida-e-vulnerabilidades-nas-epidemias-do-colera-no-seculo-19-a-covid-19.html#.XxOr\\_ChKjIU](http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1794-condicoes-de-vida-e-vulnerabilidades-nas-epidemias-do-colera-no-seculo-19-a-covid-19.html#.XxOr_ChKjIU). Acesso em: 01 ago. 2020. 19 mai. 2020.

NEEDHAM, Joseph. The roles of Europe and China in the evolution of oecumenical science. **Journal of Asian History**, v. 1, n. 1, p. 3-32, 1967.

METCALF, Alida C. Intermediários. In: \_\_\_\_\_. **Os papéis dos intermediários na colonização do Brasil: 1500-1600**. Tradução de Pablo Lima. Campinas: Editora da Unicamp. p.21-39.2019.

PODCAST PESQUISA FAPESP: A saúde entre dois mundos. Entrevistada: Tânia Salgado Pimenta. Entrevistador: Fabrício Marques. São Paulo: Rádio USP, 20 dez. 2017. **Podcast**. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/podcast-tania-salgado-pimenta/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

QUEIROZ, Christina Stephano de. A saúde entre dois mundos. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, p.78-82. Disponível: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-saude-entre-dois-mundos/> Acesso: 09 ago. 2020. 01 nov. 2017.

RAJ, Kapil. **Relocating modern science: circulation and the construction of knowledge in South Asia and Europe, 1650–1900**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

\_\_\_\_\_. Thinking without the scientific revolution: Global interactions and the construction of knowledge. **Journal of Early Modern History**, v. 21, n. 5, p.445-458. 2017. Disponível: [https://brill.com/view/journals/jemh/21/5/article-p445\\_445.xml](https://brill.com/view/journals/jemh/21/5/article-p445_445.xml) Acesso: 30 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. Go-Betweens, Travelers, and Cultural Translators. In: LIGHTMAN, Bernard (ed.). **A Companion to the History of Science**. Hoboken: John Wiley & Sons Incorporated. p.39-57. 2016.

\_\_\_\_\_. ALÉM DO PÓS-COLONIALISMO... E PÓS-POSITIVISMO Circulação e a História Global da Ciência. Tradução de Juliana Freire. **Revista Maracanan**, n. 13, p.164-175. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20133>>. Acesso em: 01 ago. 2020. dez. 2015.

SAMPAIO, Gabriela Reis. Tenebrosos Mistérios: Juca Rosa e as relações ente crença e cura no Rio de Janeiro Imperial. In: CHALHOUB, Sidney et al. **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas: Editora da Unicamp. p.387-426. 2003.

SANTOS, G. G. DOS; PINTO, J. F. Breves reflexões acerca da história da saúde e escravidão na América Latina. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 15, n. 29, p. 69 - 82, 31 dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/16608> Acesso: 30 abr. 2022.

SANTOS, Laura Carvalho dos. Antônio Moniz de Souza, o “Homem da Natureza Brasileira”: ciência e plantas medicinais no início do século XIX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, n. 4, p. 1025-1038. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/n9v8rqDSrPL5KLSWgMynHBM/abstract/?lang=pt> Acesso: 30 abr. 2022.

XAVIER, Regina Célia Lima. Ciência e devoção: práticas de cura em Campinas. In: \_\_\_\_\_. **Religiosidade e escravidão no século XIX: mestre Tito**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p.149-190. 2008.

Artigo recebido em 01/05/2022 e  
aprovado para publicação em 08/07/2022